

**SELF E PONTO DE VISTA
NA LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO:
UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITIVA
DE RELATOS FEMININOS EM 1ª PESSOA**

Patricia Teles Alvaro (UFRJ)
patricia.teles@ifrj.edu.br

RESUMO

Este trabalho analisa relatos de vítimas de violência doméstica sob a perspectiva teórico-epistemológica da semântica cognitiva, enfocando os conceitos de *self* e ponto de vista, segundo George Lakoff e Mark Johnson, Ronald W. Langacker, Gilles Fauconnier e Eve Sweetser, Mark Turner e Lilian Ferrari. Assim, será investigado o funcionamento de estruturas linguísticas em sua relação com o funcionamento cognitivo. Mais especificamente, investigaremos questões relativas ao ponto de vista e à subjetividade na construção do *self*, estudando referências de primeira pessoa nesses relatos femininos. Eve Sweetser (2012) explica que a cognição e a comunicação humana são permeadas pelo ponto de vista, dizendo que uma única mente pode acessar múltiplos e diferentes pontos de vista da mesma cena e que somos capazes de estabelecer múltiplos pontos de vista, mantendo apenas um ponto de vista do espaço ou da estrutura cognitiva, quando outros humanos estão presentes. Eve Sweetser cita pesquisas sobre os neurônios-espelho, que apontam que áreas do córtex motor envolvidas em ações estão parcialmente envolvidas em observar, ouvir ou ler sobre essas ações. George Lakoff (1999) investiga a questão da relação *subject* e *self* na cognição inconsciente, explicando que o *subject* é o *locus* da consciência, da experiência subjetiva, da razão, da vontade, da capacidade de sentir e do julgamento: nossa essência, tudo o que nos faz únicos. Ressalta que há, pelo menos, um *self* e, possivelmente, mais. O *self* consiste em tudo mais sobre nós, nossos corpos, nossas características físicas, nossos papéis sociais, nossas histórias etc. Ele explica que nossa conceptualização de *self* é fundamentalmente metafórica e reitera que esse processo está profundamente enraizado no nosso sistema conceptual inconsciente. Assim, objetivamos contribuir para os estudos semânticos das estruturas cognitivas e culturais das identidades da linguagem na violência de gênero.

Palavras-chave: *Self*. Ponto de vista. Linguagem da violência. Gênero. Relatos.

1. Considerações iniciais

O presente artigo propõe-se a discorrer sobre as relações entre cognição, linguagem e cultura, através do estudo do *self* ancorado nos conceitos de ponto de vista e subjetividade e identificado em referências de 1ª pessoa em relatos femininos, sob a ótica da linguística cognitiva de George Lakoff, Mark Johnson, Mark Turner, Gilles Fauconnier, Eve Sweetser e Lilian Ferrari. Os relatos selecionados tratam desde a rotina

doméstica até situações de violência de gênero que, muitas vezes, nem sequer são percebidas como tal pelas mulheres relatantes. Tal estudo compôs-se a partir de projeto de pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ³³⁹.

O enfoque da linguística cognitiva torna-se fundamental para a análise, uma vez que apregoa a interação do sujeito ao seu contexto como fator determinante na construção de sentidos das formas linguísticas. Além disso, ressalta o aspecto simbólico da língua, em função da atuação da percepção do sujeito, caracterizando o chamado Realismo experiencialista.

Dessa forma, a análise dos relatos, aqui apresentada, envolve não só fatores linguísticos, mas, também, cognitivos e culturais do sujeito discursivo, nesse caso, mulheres, que expressam tanto as suas escolhas e organização linguísticas, bem como as suas percepções e valores culturais, que dizem respeito ao seu entendimento sobre o seu papel e lugar no contexto social das relações humanas.

O artigo configura-se em seis partes, incluindo-se essas *Considerações iniciais*. Em seguida, apresentamos a *Contextualização teórico-epistemológica*, em que abordamos o arcabouço conceitual relativo à linguística cognitiva bem como relativo a *self*, ponto de vista e subjetividade. Na seção subsequente, explicamos, metodologicamente, a escolha da fonte dos relatos que compuseram o *corpus* estudado e o desenvolvimento da análise. Nessa ordem, a quarta seção intitula-se *O self na análise dos relatos*. Logo após, encontram-se as *Considerações finais* e encerrando o artigo, na sexta seção, apresentamos as *Referências bibliográficas*.

2. Contextualização teórico-epistemológica

Nessa seção, apresentamos os pressupostos teóricos da linguística cognitiva bem como abordamos os conceitos de *self*, ponto de vista e subjetividade, nas perspectivas de George Lakoff (1987, 1996), George Lakoff e Mark Johnson (1999), Gilles Fauconnier e Mark Turner (2002),

³³⁹ Ressalto meu agradecimento à supervisão da Profa. Dra. Lilian Ferrari, cuja supervisão do meu estágio de pós-doutorado e cujos estudos compuseram importante fonte teórica para o estudo e análise aqui apresentados.

Eve Sweetser (2012), Eve Sweetser & Lilian Ferrari (2012) e Lilian Ferrari (2011).

2.1. Linguística cognitiva

A pesquisa em linguística cognitiva, conforme George Lakoff (1987, p. 291), afirma que a linguagem é baseada na cognição, uma vez que os mesmos recursos usados para estruturar modelos cognitivos são usados nas estruturas linguísticas e são entendidos a partir do funcionamento corporal. Nessa ótica, redimensiona-se o papel do sujeito que se vê integrado à cena da conceptualização de sentido realizada, de maneira dinâmica e interativa, linguística e cognitivamente.

Com isso, a linguística cognitiva postula o realismo experiencialista, no qual, não há separação entre linguagem e pensamento e o sentido é construído pelo sujeito, a partir da sua percepção gestáltica da realidade, ancorada corporalmente. Assim, os estudos da linguística cognitiva ressaltam o aspecto simbólico da língua, abordando o caráter experiencial da linguagem.

Dessa forma, a linguística cognitiva segue, então, uma linha conexionista, assumindo que os princípios cognitivos que atuam na linguagem são compartilhados com outras capacidades cognitivas. Dentro dessa perspectiva, Lilian Ferrari (2011, p. 21), explica que a investigação da mente não pode ser separada do corpo e a experiência, a cognição e a realidade são concebidas, em termos da ancoragem corporal. Com isso, a linguística cognitiva defende a tese da corporificação da cognição e, por conseguinte, como linguagem e cognição inter-relacionam-se, a tese da corporificação da linguagem.

Sob essa ótica, apresentamos, a seguir, resumidamente, considerações teórico-epistemológicas acerca de ponto de vista, subjetividade e *self*.

2.2. Ponto de vista e subjetividade

Vimos, anteriormente, que a tese da corporificação da linguagem destaca a percepção do sujeito, ancorada corporalmente, no que diz respeito à construção dos sentidos. Lilian Ferrari (2011, p. 73) explicita a unanimidade dos estudiosos em reconhecerem a indissociabilidade entre

línguas e falantes, ressaltando a impossibilidade da pressuposição de neutralidade.

Tomamos, então, os postulados explicitados em Eve Sweetser (2012), bem como em Lilian Ferrari (2011), para apresentarmos, a seguir, aspectos teóricos sobre os conceitos de ponto de vista e subjetividade.

Eve Sweetser (2012) explica que a cognição e a comunicação humana são permeadas pelo ponto de vista, dizendo, também, que uma única mente pode acessar múltiplos diferentes pontos de vista de uma mesma cena. Além disso, não somos só capazes de estabelecer múltiplos pontos de vista, na verdade, somos incapazes de manter apenas um ponto de vista do espaço ou da estrutura cognitiva, quando outros humanos estão presentes. Eve Sweetser cita pesquisas sobre os neurônios-espelho, que apontam que áreas do córtex motor envolvidas em ações estão, também, parcialmente, envolvidas em observar, ouvir ou ler sobre essas ações.

Eve Sweetser explica que o sistema neural humano se condiciona à experiência do ego ancorado corporalmente como especial e diferente. Assume que perspectiva cognitiva se inicia em relação a um ponto de vista ancorado corporalmente dentro de uma experiência de base física. Explica, também, que as experiências motora, visual e tátil de pegar uma maçã diferem radicalmente da experiência de ver essa situação. Essa experiência dual em relação às ações do outro pode ser parte de um substrato basilar de habilidades universais humanas, para tratar e entender outros humanos como agentes sociais conscientes, desenvolvendo assim uma teoria da mente. Sem a teoria da mente e a confiança que os outros também têm uma teoria da mente, a estrutura complexa de pontos de vista seria impossível, considerando-se, aí, também, a complexidade de se construir espaços contrafactuais.

A autora retoma Michael Tomasello (1999, 2008), ressaltando que sem essa flexibilidade cognitiva, humanos não poderiam se comunicar num nível tão alto, que parece ser, neuronal e desenvolvidamente, único e típico da nossa espécie. Daí, Eve Sweetser afirmar que *ponto de vista* é um fenômeno que interessa a todos que estudam cognição e comunicação.

Eve Sweetser vai tecendo suas considerações, de modo a ressaltar um contexto de evidências para sustentar que a comunicação ativa um sistema neural corporificado de representação do ponto de vista. Por

exemplo, pouco provavelmente, nos damos conta que temos diferentes construções mentais para *mesa* e pensamos que acessamos a realidade. Na verdade, acessamos dados experienciais similares do mesmo objeto, através de sistemas neurais corporificados, que estruturam mentalmente o ponto de vista do falante ou do conceptualizador.

Dessa forma, Eve Sweetser afirma que a assunção da cognição humana corporificada é, inerentemente, permeada pelo ponto de vista. A autora afirma que, mesmo em sentenças ditas objetivas, há manifestação do ponto de vista do conceptualizador. Eve Sweetser ressalta que o entendimento disso se torna, fundamentalmente, crucial para a compreensão mais realista do processo comunicativo e das suas relações cognitivas.

Dentro desse prisma, considera-se, linguística e cognitivamente, a subjetividade, manifestada, também, através do ponto de vista do conceptualizador, como parte integrante da operação de construção de sentidos. Lilian Ferrari (2011, p. 73) explica que a "subjetividade envolve tipicamente um sujeito da consciência que desenvolve uma visão pessoal e subjetiva dos fatos, representando-os no discurso".

Lilian Ferrari (2011) aborda a questão do ponto de vista e da subjetividade, discorrendo sobre proeminência e perspectiva na imagética convencional, retomando, também, os estudos de Elizabeth Closs Traugott e Richard B. Dasher (2002) e Ronald W. Langacker (1987, 1991).

Em relação à subjetividade, os estudos de Elizabeth Closs Traugott e Richard B. Dasher (2002) explicam a construção de sentidos, assumindo um continuum de gradiência de objetividade à subjetividade. Isso de acordo com o número de inferências e, também, o grau de epistemicidade requeridos pelo sujeito conceptualizador. Ronald W. Langacker (1990) assume o conceito de *Ground*, em que falante, ouvinte e contexto interacional constituem partes integrantes na dinâmica da operação de construção de sentidos, operacionalizada pelos sujeitos. Além disso, Ronald W. Langacker ressalta que no processo de construção de sentido, também, implica-se o grau de envolvimento do falante. E explica que objetividade e subjetividade relacionam-se à ideia de proeminência.

Proeminência apresenta-se como um recurso, em que o falante manifesta a sua subjetividade, definindo os elementos que ocupam posição mais proeminente na sentença. Lilian Ferrari (2011) afirma que "expressões que envolvem o mesmo conteúdo conceptual podem apresentar significados diferentes em função do grau de proeminência". No que diz

respeito à proeminência, vale ressaltar o *perfilamento e a saliência relativa das subestruturas de uma predicação*.

No caso do perfilamento, Lilian Ferrari (2011) exemplifica com as palavras pai, tio e irmão, explicando que, embora compartilhem a mesma base conceptual de relações de parentesco, apresentam significados diferentes, porque perfilam aspectos diferentes dessa base. Podemos ver a saliência relativa das subestruturas de uma predicação, por exemplo, no caso do verbo admirar, que perfila toda a configuração e, com isso, a relação entre os envolvidos. Por outro lado, o nome admirador perfila o sujeito que admira. Vale ressaltar que ambas as conceptualizações são feitas a partir da mesma base conceitual.

Na noção de perspectiva, que se chama, tecnicamente, de ponto de vantagem, ressalta-se que a construção do sentido se relaciona à percepção do sujeito, normalmente, ancorado corporalmente. Por exemplo, a conceptualização das expressões *na frente* e *atrás*, toma como ponto de vantagem implícito a localização do falante ou o ponto para onde o falante projeta-se mentalmente. Além disso, no ponto de vantagem, o falante pode projetar-se para o ponto de vantagem do outro. Nesse caso, Lilian Ferrari (2011, p. 69) cita o exemplo da mensagem de secretária eletrônica, que quando se diz *no momento, não posso atender*, em relação ao uso da expressão *no momento*, o falante projetou-se para o ponto de vantagem de quando o outro participante irá ouvir a mensagem.

Podemos notar, nesses exemplos, que as formas linguísticas apontam para possibilidades de sentidos, também, em função da subjetividade e do ponto de vista das escolhas feitas pelos falantes, por exemplo, em relação à proeminência e perspectiva, conforme abordamos, acima.

Daí, retomamos Gilles Fauconnier (1984) ao ressaltar que "palavras são lanternas que iluminam o caminho da significação". Dentro dessa ótica, discorreremos, a seguir, sobre a questão do *self*, a partir da abordagem proposta por George Lakoff (1996) e George Lakoff e Mark Johnson (1999).

3. *Self*

George Lakoff e Mark Johnson (1999) investigam a questão da relação *subject* e *self* na cognição inconsciente. George Lakoff (1996) e George Lakoff e Mark Johnson (1999) explicam que o *subject* é o *locus* da consciência, da experiência subjetiva, da razão, da vontade, da capaci-

dade de sentir, do julgamento, a nossa *essência*, tudo o que nós faz únicos. Ressalta que há, pelo menos, um *self* e, possivelmente, mais. O *self* consiste em tudo mais sobre nós, nossos corpos, nossas características físicas, nossos papéis sociais, nossas histórias etc.

George Lakoff e Mark Johnson (1999) dizem que as maiores asserções da linguística cognitiva estão em defender que a mente é inerentemente corporificada, o pensamento é, na sua maior parte, inconsciente e os conceitos abstratos são largamente metafóricos. A partir disso, os autores afirmam que o nosso sistema conceptual inconsciente funciona como uma mão oculta que desenha, modela nosso pensamento consciente, ou seja, modela como conceptualizamos todos os aspectos da nossa experiência. Essa mão oculta dá forma ao que concebemos no nosso sistema conceptual, cria as entidades que habitam o nosso inconsciente cognitivo, como amizade, fracasso, mentira e tudo mais, que constitui o nosso senso comum não-reflexivo e que usamos no nosso raciocínio inconsciente. E, é isso que desenha e modela, como, automática e inconscientemente, compreendemos o que experienciamos.

George Lakoff e Mark Johnson (1999) retomam o nosso senso comum sobre *self*, para exemplificar. Temos a experiência de lutar para controlar a nós mesmos, o nosso *self*. Nesse caso, além de sentirmos que estamos em uma luta dentro de nós, conceptualizando como uma luta entre duas partes diferentes, duas partes do nosso *self*, cada uma com diferentes valores. George Lakoff afirma que chegamos até mesmo a pensar em um *self* elevado (moral e racional) lutando com um *self* mais baixo (irracional e imoral), nos conceptualizando divididos, como duas entidades distintas.

Nesses casos, os estudiosos explicam que nossa conceptualização de *self* é fundamentalmente metafórica e reiteram que esse processo metafórico está, profundamente, enraizado no nosso sistema conceptual inconsciente. Na verdade, quando raciocinamos, conscientemente, sobre as questões do nosso *self*, fazemos isso, a partir de conceptualizações metafóricas inconscientes. George Lakoff e Mark Johnson afirmam que se trata da mão oculta do nosso sistema conceptual inconsciente, estabelecendo o nosso senso comum consciente.

George Lakoff (1996), em relação ao *self*, inicia sua investigação, discorrendo sobre a questão do uso dos pronomes reflexivos. Ressalta a tradição tanto dos estudos de lógica quanto de linguística formal que se ocupam de entender o funcionamento do pronome reflexivo, por exem-

plo, em sentenças do tipo (*I washed myself*) “Eu me lavei”. Essas abordagens apresentam a descrição de que “X lavou X”. E, dessa maneira, X designa o falante da sentença e X é a variável lógica que designa o pronome reflexivo. No entanto, George Lakoff diz que, apesar de ele próprio ter sido um dos que contribui para a disseminação dessa descrição, inclusive na semântica gerativa, essa assunção funciona para alguns casos, mas não para todos.

Além disso, George Lakoff explica que teórico-epistemologicamente, nesses casos, além da possibilidade de estudo do funcionamento do pronome reflexivo, estamos diante de algo importante sobre o nosso sistema conceptual e nossa linguagem. George Lakoff afirma que esses casos contêm a semente do entendimento de como conceptualizamos o *self*- como nós entendemos quem somos e como nós funcionamos.

George Lakoff analisa esses casos, linguístico-cognitivamente, como *metáfora da pessoa dividida*, em que uma pessoa, uma entidade única, é entendida como um grupo de duas ou mais entidades, a que ele se refere como *subject-self* e a *metáfora do subject projetado*, na qual o *subject* do *eu* pode ser projetado no *self* do *outro*, em uma situação hipotética. A tese da Metáfora da pessoa dividida serve de base para formar todo um sistema metafórico em que conceptualizamos determinadas expressões, nas quais imaginamos nós mesmos como sendo um outro alguém. A *metáfora do subject projetado* lança mão da *metáfora da pessoa dividida* e de outras. George Lakoff trata alguns exemplos:

No caso, a sentença “Você precisa pôr o pé pra fora de si mesmo” (*You need to step outside yourself*) não pode ser representada como “X precisa por o pé pra fora de X”. A relação com “por para fora” diz respeito a duas diferentes entidades e não a uma única entidade. George Lakoff diz que o mesmo se dá em sentenças como: “Eu estou ao lado de mim mesmo” (*I’m beside myself*) e “Eu não estou eu mesmo hoje” (*I’m not myself today*), em que a forma lógica “X não está X hoje” seria contraditória.

George Lakoff discorre sobre o exemplo “Eu perdi a mim mesmo escrevendo” (*I lost myself in writing*). Explica que a relação de perder se dá entre duas entidades diferentes e que a forma lógica X perdeu X escrevendo também não se aplica. O autor ainda levanta um outro aspecto, pois perder e achar são antonímias, no entanto, “Eu perdi a mim mesmo escrevendo” não se opõe a “Eu encontrei a mim mesmo escrevendo” (*I found myself in writing*). George Lakoff ressalta que sentenças como es-

sas fazem suscitar diversos questionamentos: o que elas querem dizer?, elas envolvem algo semelhante à distinção *subject/self*?, há algo sistemático nesses casos em relação ao uso de palavras como pisar, para fora, pa-recer, ao lado de, perder e encontrar?

George Lakoff afirma que esses questionamentos nos levam para o campo da metáfora. A possibilidade mais provável é que haja uma ou mais metáforas conceituais que se aplicam aos sentidos físicos comuns daquelas palavras e os mapeia em domínios mais abstratos. Assim, George Lakoff and Becker (1991) argumentam que há um sistema extensivo de metáforas conceituais que caracterizam como nós entendemos a estrutura interna de uma pessoa e demonstram que muitas dessas metáforas têm domínios-fonte espaciais.

3.1. Algumas propriedades gerais do sistema do *self*

A distinção *subject-self* permite-nos conceptualizar, raciocinar e falar sobre algumas das experiências humanas mais comuns. Cada conceptualização de tal experiência faz emergir uma questão que demanda uma análise metafórica como resposta. A *self-reflection*, em que alguém reflete sobre si mesmo, fez emergir a questão “Quem está refletindo-se sobre quem? Distraidamente, você diz que não está ali, por exemplo, daí, surge a questão “quem não está onde?”. George Lakoff explica que para o conflito interno surge a pergunta “quem está em conflito com quem?”. E, quanto mais avançamos no sistema de metáforas, surgem outras perguntas como “quem está no controle?”, “quem está consciente do quê?”, “há alguma incompatibilidade interna?”, “quem estabelece o padrão da ação?”. Inclusive, George Lakoff defende que exatamente esse sistema nos dá as condições para conceptualizar, raciocinar e falar sobre essas questões.

A conceptualização e o raciocínio sobre questões acerca da “vida interna” de alguém se fazem em termos das relações físicas entre dois ou mais indivíduos distintos, em que boa parte dessas relações físicas são puramente espaciais e outras têm a ver com o uso da força ou esforço (*exertion*). Algumas questões e temas metafóricos gerais comumente recorrem ao sistema: (i) funcionamento normal é sem autoconsciência (*nonselself consciouness*) e controlado sem incompatibilidades internas, (ii) em funcionamento normal, com o *subject* exercendo força sobre o *self*, (iii) todas as posições canônicas espaciais têm o *subject* localizado na mesma região espacial que o *self* e (iv) as configurações canônicas são

também o *subject* dentro do *self*, *subject* diretamente acima do *self* ou *subject* em posse do *self*. George Lakoff salienta que, na contramão dessas assunções, a tradição cartesiana do dualismo mente-corpo simplifica a complexidade da nossa estrutura de vida interna.

3.2. O sistema metafórico para *subject* e *self* no inglês

Vejam os estudos de George Lakoff nos quais discorre sobre o Sistema metafórico *subject-self* a partir de exemplos em língua inglesa.

3.2.1. A pessoa dividida e o subject objetivo

George Lakoff ressalta que quando um amigo diz para você dar uma boa olhada em você mesmo e que você pode parecer bem diferente visto de dentro e de fora, essa situação mostra um ponto de vista externo, em que você pode ver a si mesmo como os outros veem você, o que se diz ser um ponto de vista objetivista. Assim, todos os dias, estamos tentando ver a nós mesmos como os outros nos veem e com isso estamos conceptualizando a nós mesmos como divididos em dois e como se fôssemos feitos de pelo menos duas partes.

Há um *locus* na consciência e na racionalidade, o centro de todas as nossas experiências subjetivas – o *subject*. O *subject* normalmente reside dentro da nossa outra metade – o *self*. O *self* inclui pelo menos nossos corpos, nossas emoções e aquela parte de nós que atua no mundo.

Por exemplo, você é egoísta, e age para satisfazer suas necessidades e deseja mais que as necessidades e desejos dos outros. Mas, quem está vendo isso? É você, claro. Você, o *subject*, o *locus* da consciência, racionalidade e julgamentos estão olhando para o seu *self*, o *locus* das suas necessidades, desejos e paixões.

Nossa cultura nos diz que o *subject*, nosso *locus* de consciência e razão, deveria estar no controle do nosso *self*, ou seja, nossos desejos e paixões não sairiam de controle e não nos conduziriam a prejudicar os outros. Nossa cultura aponta que há uma maneira, uma única maneira que nós realmente somos e um ponto de vista do qual nós podemos ver quem realmente somos, se somente nós podemos alcançar esse lugar. De acordo com George Lakoff, essa é uma teoria de senso comum que crescemos ouvindo.

Para estabelecer essa visão de *self*, precisamos de duas metáforas. Primeiro, precisamos da *metáfora da pessoa dividida*, na qual concebemos nós mesmos como duas ou mais entidades. Segundo, precisamos de metáfora através da qual conceptualizamos reflexão sobre o *self* como acontecendo fora de nós mesmos, dessa forma nós podemos ver a nós mesmos.

George Lakoff (1996) e George Lakoff e Mark Johnson (1999) apresentam uma série de conceptualizações engendradas em mapeamentos metafóricos, constituindo um rico sistema conceptual metafórico, através do qual expressamos e falamos sobre nossas vidas internas: metáfora da pessoa-dividida, metáfora do *subject*-objetivo, metáfora do perda do *self*, metáfora do *self*-dividido, metáfora do *self*-verdadeiro, metáfora do eu-real, metáfora geral do *self*-interior, metáfora do verdadeiro-parasi-mesmo, metáfora do *subject*-ausente, metáfora do *self*-disperso, metáfora da causa-interna, metáfora do *self*-como-companhia, metáfora do complexo do sacrifício do *self*, metáfora do *self*-controlado.

Além disso, George Lakoff e Mark Johnson (1999) estudam o sistema conceptual da língua japonesa relacionado às expressões do *subject-self*, evidenciando a ocorrência das mesmas metáforas, apesar de se tratar de uma língua oriental, tão diferente, também, culturalmente, da língua inglesa.

George Lakoff assume que o estudo linguístico-cognitivo do sistema conceptual da relação *subject-self* captura muito da lógica das nossas experiências internas e caracteriza como nós raciocinamos sobre isso. Nesse contexto, juntamente aos conceitos de ponto de vista e subjetividade, propomo-nos a investigar as relações entre linguagem e cognição, buscando entender os bastidores da mente, através do estudo e análise do funcionamento linguístico nos casos de referências de 1ª pessoa em relatos femininos, na seção 4 desse artigo.

4. Metodologia

Nesta pesquisa, propomo-nos a abordar questões relativas ao conceito de *self* constituído interativamente ao ponto de vista e à subjetividade, através da análise linguístico-cognitiva de referências de primeira pessoa em relatos femininos. Para isso, desenvolvemos nosso estudo, seguindo as etapas metodológicas de (i) realizar o levantamento bibliográfico acerca das questões relativas a *self*, ponto de vista, e subjetividade,

(ii) revisão da literatura referente ao aporte teórico-epistemológico, e (iii) análise do corpus com a aplicação dos conceitos.

O corpus analisado compôs-se por entrevistas de mulheres de diferentes idades, classes e ocupações sociais realizadas pelo grupo CERES, grupo de pesquisa sobre mulheres. Essa coletânea encontra-se publicada no livro *Espelho de Vênus. Identidade Social e Sexual da Mulher*, ao qual recorreremos para a seleção dos relatos analisados. Destacamos que todos os trechos selecionados para análise dizem respeito à percepção de mulheres sobre diversos assuntos que vão desde a rotina doméstica até situações de violência de gênero, ainda que não percebidas como tal pelas relatas. Dessa forma, foi possível constituir um estudo sobre o *self*, englobando variadas temáticas.

Sob a ótica da linguística cognitiva, a análise dos usos discursivos realiza-se, considerando-se os aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e culturais, ou seja, os sentidos dos usos discursivos implicam, também, sentidos cognitivos, sociais e culturais. Por isso, podemos dizer que a análise que segue a linguística cognitiva permite-nos entrar em contato com as identidades linguísticas, cognitivas, sociais e culturais do sujeito discursivo. Tal perspectiva de estudo converge à linha de pesquisa da chamada ciências sociais cognitivas, que vem sendo desenvolvida, por George Lakoff: 2002, 2006, 2008, 2012, 2014.

5. O *self* na análise dos relatos

Nessa seção, abordamos o conceito de *self*, correlacionando-o a ponto de vista e subjetividade, a partir da análise das referências de 1ª pessoa nos relatos femininos selecionados dentre os disponíveis na obra *Espelho de Vênus*, conforme explanamos na seção 3 desse relatório. O estudo das formas linguísticas, sob a ótica da linguística cognitiva, permite-nos discorrer acerca do funcionamento da linguagem, mas, também, acerca do funcionamento da cognição humana.

Os estudos das relações entre linguagem e cognição, como explicado, ao longo desse artigo, revelam os bastidores da rede de processamento mental ativada na construção de sentidos pelo sistema perceptual do sujeito discursivo. Nesse contexto, retomamos George Lakoff ao afirmar que, estudando o sistema conceptual *subject-self*, capturamos a lógica do nosso raciocínio sobre isso. Decerto, o ponto de vista atua nessa engrenagem conceptual. Na verdade, o ponto de vista permeia a cog-

nição e a comunicação humana, conforme explica Eve Sweetser (2012) e como citamos, anteriormente. Além disso, em uma mesma cena, a mente pode acessar múltiplos diferentes pontos de vista. Mas, Eve Sweetser ressalta que não é uma questão de estabelecer múltiplos pontos de vista, e sim que, quando outros humanos estão presentes, somos incapazes de manter apenas um ponto de vista do espaço ou da estrutura cognitiva. Torna-se essencial lembrar que, no processo de construção de sentidos, a subjetividade manifesta-se, linguística e cognitivamente, através do ponto de vista do conceptualizador. E, da mesma forma, Lilian Ferrari (2011, p. 73), como já abordamos, aqui, explica que no discurso representa-se uma visão pessoal e subjetiva dos fatos constituída pela subjetividade de um sujeito da consciência.

Sob essa perspectiva em que se interligam ponto de vista, subjetividade e *self*, entendendo, dessa forma, que *self* inerentemente constitui-se pelo ponto de vista e pela subjetividade do sujeito, propomo-nos a estabelecer reflexões sobre o funcionamento do sistema conceptual humano, através das análises das referências de 1ª pessoa em relatos femininos, aqui, apresentadas.

George Lakoff e Mark Johnson (1999, p. 267) ressaltam que o estudo do *self* concerne à estrutura da nossa vida interior e evidencia quem somos e o que pensamos sobre quem somos, cotidianamente, ou seja, evidencia nosso ponto de vista sobre nós mesmos. Os autores explicam que essa chamada “vida interior” diz respeito a pelo menos cinco tipos de experiências que são consequências da nossa vivência no mundo social com o tipo de cérebro e corpo que temos. Dessa forma, temos a experiência de 1) tentar controlar nosso corpo uma vez que ele pode “perder o controle”; 2) ter valores da nossa consciência conflitando com valores implícitos no nosso comportamento; 3) haver disparidade entre o que nós acreditamos ou sabemos sobre nós mesmos e o que as outras pessoas acreditam ou sabem sobre nós; 4) assumir um ponto de vista externo, copiando ou imitando os outros ou tentar ver o mundo como o outro vê e 5) estar engajado em um diálogo ou monitoramento interno. Essas vivências constituem um acervo de memórias sensório-motoras, configurando nosso sistema perceptual a partir da experiência da divisão de uma mesma pessoa em relação a si mesma e aos outros.

Os autores ressaltam que, desde as nossas primeiras vivências na infância, estamos imitando o outro. E essa habilidade de imitar o outro – sorrir quando alguém sorri para nós, levantar o braço quando alguém levanta o braço, acenar quando alguém acena- tem a ver com nossa capaci-

dade de projetar, na verdade, com a nossa capacidade de nos conceptualizar como habitantes no corpo de outro. Nesse contexto da nossa capacidade de projeção, a empatia é a extensão dessa capacidade no universo das nossas emoções, de modo que podemos nos projetar e sentir o que o outro sente. E, essa nossa capacidade de projeção tanto do “eu” sobre o “eu mesmo” quanto do “eu” sobre o “outro” serve, por exemplo, de base para uma metáfora central no sistema *subject-self*, em que um *subject* é projetado sobre outro em uma situação hipotética, como iremos tratar, mais adiante.

George Lakoff e Mark Johnson (2012, p. 269) ressaltam a importância de que cada metáfora relativa à nossa vida interior é um caso especial de um Esquema metafórico geral. Esse esquema revela profundamente não somente o nosso sistema conceptual, mas, revela, também, profundamente as nossas experiências interiores principalmente, que nós nos experienciamos de maneira fragmentada.

Dessa forma, as concepções metafóricas da nossa vida interior, descortinadas pelo estudo do *self*, como dizem George Lakoff e Mark Johnson (1999), seguem uma estrutura hierárquica. No nível mais alto, encontra-se a metáfora geral *subject-self* que conceptualiza a pessoa de maneira bifurcada. E, em seguida a essa bifurcação, há 5 específicas instanciações dessa metáfora, que têm a ver com os 5 tipos de experiências armazenadas em função da nossa vivência no mundo social, como apontamos, mais anteriormente. Elencamos: 1) manipular objetos; 2) estar alocado no espaço; 3) entrar em relações sociais; 4) projetar-se de maneira empática ou aconselhadora e 5) ter mais de um *self*, no entanto, apenas um ser o “real” ou “verdadeiro” *self*.

Vejamos, então, o funcionamento do Sistema conceptual *subject-self* no processo de referenciação de 1ª pessoa, em 5 exemplos selecionados do *corpus* estudado.

No que diz respeito à metáfora da pessoa bifurcada para o sistema *subject-self*, podemos observar a conceptualização de fragmentação, em todos os exemplos abaixo. No exemplo (1), “X divide X em vários X”, uma vez que a pessoa tem que assumir funções sociais diversas. Nesse caso, o *self* bifurca-se no papel social do espaço profissional e do espaço doméstico, uma vez que a entrevistada se encontra sem uma funcionária para assumir as funções da rotina da casa.

Exemplo (1), a entrevistada relata sobre a relação com empregada doméstica:

Pago bem, trato bem, me acho assim uma pessoa humaníssima, mas, realmente, elas não querem. [...] *Eu, agora mesmo, estou ...* com um apartamento enorme, duas crianças, cheia de atividades e *eu me dividindo* [...] (*Corpus*, p. 188)

George Lakoff e Mark Johnson (1999, p. 277) abordam o *self social*, explicando que, desde o nosso nascimento, estabelecemos relações sociais e interpessoais, tanto com os pais quanto com outros membros do entorno familiar. Nossos comportamentos são avaliados pelos pais e pelos outros. Aprendemos a avaliar nossos comportamentos a partir de como os outros avaliam o nosso comportamento e dos demais, também. Nesse enquadre, constituímos essa relação de avaliação para o nosso sistema *subject-self*, em diferentes metáforas, por exemplo, pai-filho, amigos, amantes, adversários. No caso de haver um conflito interior no qual se conceptualizam *subject* e *self* como adversários, algum aspecto do *self* (por exemplo, as emoções) pode aparecer no lugar do *self* como um todo. No exemplo (2), o sistema *subject-self* instancia-se nessa *metáfora de adversários*, em que o *self* se apresenta dividido em ações e papéis sociais conflitantes. De um lado, conforme a entrevistada relata, expressando-se seguindo o papel social tradicional e do outro, disposta a estabelecer um papel social que desconsidera esse tradicionalismo como possível.

Exemplo (2), a entrevistada relata sobre a vida atual:

É uma coisa muito dividida, uma coisa muito bem dividida. *Por um lado, pelo assim tradicional, talvez ainda almeje uma ligação monogâmica, morar junto, um lar... e por outro lado acho isto inteiramente impossível.* Quer dizer, assim viver com uma pessoa só, onde se estabeleçam funções, onde as obrigações são definidas, provavelmente, *se espera da mulher um comportamento igual*, mesmo da mulher que trabalha. (*Corpus*, p. 183-184)

Nos seus estudos sobre *self*, George Lakoff e Mark Johnson (1999, p. 282) discorrem sobre o *self essencial*, que podemos observar nos exemplos (3) e (4). Os autores explicam que temos no nosso senso comum a noção de *essência*, com a qual concebemos que cada objeto tem uma *essência* que dele a coisa que ele é. Da mesma forma, os autores explicitam que aplicamos essa noção de *essência* aos seres humanos. E, dizem que essa *essência* faz você ser único, faz você comportar-se como você e não como um outro. Temos nos nossos sistemas conceptuais uma metáfora geral na qual a nossa *essência* é parte do nosso *subject*- nossa consciência subjetiva, nosso *locus* do pensamento, julgamento e desejo. Desse modo, quem nós somos essencialmente, de maneira ideal, associa-

se a como pensamos, aos julgamentos que fazemos e o como escolhemos agir.

Os estudiosos explicam que, no entanto, muitas vezes, há uma incompatibilidade entre quem nós essencialmente somos e o que nós realmente fazemos e é, aí, que reside a questão da metáfora do *self* essencial. Existem, nesse caso, dois *selfs*, o primeiro é *self real* ou *self verdadeiro* que se compatibiliza com a nossa essência e sempre conceptualiza-se como pessoa e o segundo que é o *self não-real* ou *self não-verdadeiro* que não se compatibiliza com a nossa essência é conceptualiza-se como uma outra pessoa ou como um container no qual o *self* verdadeiro está escondido.

A partir desse enquadre, haverá três tipos de casos, dos quais observamos dois nos exemplos abaixo. O caso do *self* profundo, em que a pessoa figura socialmente com um *self superficial* que, na verdade não é o seu *self real*, como podemos observar no exemplo (3), quando a entrevistada diz “[...] No fundo, quer dizer, no fundo, eu gostaria de [...] relações constantes”. A pessoa apresenta um *self* cujo comportamento social não se compatibiliza com a sua essência, fazendo haver dois *selfs* o da superfície e o profundo.

No exemplo (4), temos o caso do *self verdadeiro*, em que a pessoa passou toda a vida agindo incompativelmente ao *subject* e está buscando comportar-se como o seu verdadeiro *self*. Assim, a entrevistada expressa “Eu quero ser eu”. E, por último, George Lakoff e Mark Johnson abordam o caso do *self real externo*, quando episodicamente a pessoa, por alguma razão, deixou emergir um comportamento diferente do que comumente costuma ter.

Exemplo (3), a entrevistada relata sobre relacionamento amoroso:

Minhas relações atuais, em geral, são relações assim muito pouco assumidas, né? [...] Muito divididas, né? [...] não são relações de namoro, são relações mais curtas [...]. *No fundo, quer dizer, no fundo, eu gostaria de...* eu acho que há muito tempo que eu não tenho *relações constantes*. (*Corpus*, p. 184).

Exemplo (4), entrevistada relata sobre ser mulher:

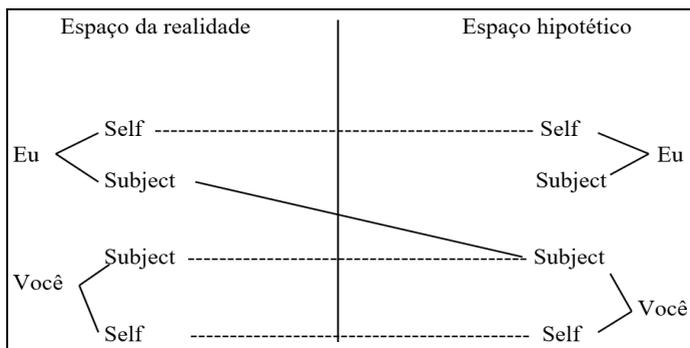
Olha, eu acho que mulher é uma coisa tão difícil de explicar. Por exemplo, ser mulher, dona-de-casa é saber que é ter um marido pra por tudo dentro de casa. Então, *ela não é ela, é o marido*. [...] *Eu quero ser eu*. (*Corpus*, p. 33)

Vejamos, agora, a análise do exemplo (5), em que a entrevistada relata sobre o marido ter achado que ela não era virgem quando casaram.

Me senti completamente infeliz, porque *como eu podia me defender? Se ele mesmo me acusava* [...] a partir do momento que eu não era virgem, *por que ele não me entregou de volta aonde ele me tirou?* Eu saí casada de véu e grinalda. Tudo bonitinho, né? Então, *por que ele não me devolveu?* [...] Mesmo quando ele não falava para os outros, eu falava, pra senhora ver como é a ignorância, como é grande, eu pensava: "Meu Deus, *então, eu tapeei esse homem?* Mas como?". Eu era mesma era assim. (*Corpus*, p. 17)

Nesse caso, reportamo-nos a George Lakoff e Mark Johnson (1999), quando se referem à *metáfora da projeção do subject*, que pode ser de 2 tipos: a) *projeção aconselhadora*, na qual os valores do *eu* são projetados nos valores do *outro* e b) *projeção empática*, na qual o *eu* projeta em si os valores do *outro*.

No exemplo (5), o sistema *subject-self* evidenciado na construção “X (não) defender X”, em que o *subject* é o sujeito gramatical e o *self* é o objeto gramatical, instancia a metáfora do *subject* como defensor e o *self* como acusado, em que o *subject* move ou não o *self*, passa a ser operado a partir dos valores de Y. Nesse caso, a construção “Se ele me acusava, então, eu não podia me defender” instaura um espaço hipotético, em que a pessoa projeta em si os valores do outro de tal forma que a entrevistada (X) afirma que inclusive passou a pensar o mesmo que o marido (Y) pensava sobre ela (X), uma vez que pensava, “então, eu tapeei esse homem?”. Com isso, subentendemos que “X é como se fosse Y”, algo como “Se você sou eu, então [...]” relativa à construção “Se eu fosse você, então [...]”. Dessa forma, temos uma *Projeção empática*, uma vez que percebemos, no relato, que o *subject* X reage ou não reage de acordo com os valores do Y/*outro*. Assim, dá-se a projeção no mapeamento, de tal forma que o valor do *outro* é o domínio-fonte para a conceptualização do domínio-alvo, o valor do *eu*. Sobre isso, George Lakoff (1996) apresenta a seguinte representação:



A acusação de Y sobrepõe-se tão fortemente como verdade para X de forma que X transforma o ponto de vista de Y no seu ponto de vista (de X). Instaura-se um espaço contrafactual, em que se cria uma contraparte de Y/Você/Outro no espaço hipotético no qual o *subject* de Y domina o *subject* de X. Dessa forma, Y torna-se *subject* de X na metáfora do *subject* como Defensor e do *self* como Acusado, que vimos acima, o que faz X sentir-se sem nenhuma condição de defesa, ou seja, “X não defende X”. No espaço hipotético, é como se X fosse Y, dessa forma, a consciência, percepção, julgamento, desejo e vontades de X estão sob o controle do *subject* de Y, de tal forma que o *self* de X- seu corpo, seu passado, seu papel social fica incapacitado de mover-se, uma vez que o *subject* de X está sob o controle do *subject* de Y.

Gilles Fauconnier e Mark Turner (2002, p. 251) explicam que, tomando o exemplo “Se eu fosse você, eu me demitiria”, no caso de construções condicionais, emerge uma pessoa mesclada no que diz respeito à sua identidade como empregado, uma vez que a pessoa tem a identidade do marido no que concerne à apresentação pública e outras certas características, mas em relação à disposição, julgamento e vontade tem a da esposa. Nesse sentido, no exemplo (5), percebemos essa mesclagem da identidade de X, assumindo a identidade e valores de Y sobre si mesma, levando, na verdade, inclusive, ao esvaziamento da sua identidade no papel de esposa ao assumir totalmente os valores de Y, inclusive questionando-se “Eu tapei esse homem?”.

George Lakoff e Mark Johnson (1999, p. 69) explicam que o *subject*, metaforicamente, sempre se conceptualiza como uma pessoa. No entanto, o *self* ou cada um dos *selves* (pode haver de mais um) pode conceptualizar-se, metaforicamente, como pessoa, objeto ou lugar. A *metáfora do self como objeto físico* corresponde a uma noção muito primária para nós, que é controlar e manipular objetos, uma vez que se trata de algo que aprendemos desde a nossa infância. Os autores explicam que, exatamente por isso, não é surpreendente que o *esquema metafórico geral subject-self* instancie-se em uma metáfora de manipulação de objetos e que a noção de controle de objeto seja a base para uma das cinco metáforas mais fundamentais da nossa vida interior, associando-se o controle do nosso corpo ao controle de um objeto.

Nesse exemplo (5), a entrevistada autoconceptualiza-se como um objeto, uma vez que assume a referência de mercadoria, com o uso das formas verbais “entregar de volta” e “devolver”. No entanto, ao dizer “por que ele não me entregou de volta, por que ele não me devolveu?”,

percebemos, aí, também, a confirmação que o sistema de conceptualização do *subject-self* de “X move X” instancia-se a partir da *metáfora da projeção empática*, em que o *subject* Y tem o *subject* X, de tal forma que o *self* X é movido ou não é movido de acordo com o desejo, a vontade, o julgamento de Y, ou seja, do *subject* Y.

Decerto, o entendimento de X para essa situação vivida e relatada pela própria, no exemplo (5), incapacitando-a de uma defesa diante da acusação de Y, poderia ser conceptualizada de outra forma por outra pessoa, levando a outros entendimentos e reações. Exatamente, aí, moram nosso ponto de vista e subjetividade. Retomamos, então, Eve Sweetser (2012) ao assumir que a cognição humana corporificada é, inerentemente, permeada pelo ponto de vista. E, que a experiência dual em relação às ações do outro pode ser parte de um substrato basilar de habilidades universais humanas, para tratar e entender outros humanos como agentes sociais conscientes, desenvolvendo assim uma Teoria da Mente. Sem a Teoria da Mente e a confiança que os outros também têm uma Teoria da Mente, a estrutura complexa de pontos de vista seria impossível, considerando-se, aí, também, a complexidade de se construir espaços contrafactuais.

Vemos, aqui, que a construção de sentidos das formas linguísticas expressa a construção de sentidos sobre vida, que se engendra nos meandros das bases neurocognitivas às quais se associam as bases emocionais. O neurocientista Antônio Rosa Damasio (1996, p. 276) explicita que “os sentimentos exercem uma forte influência sobre a razão, que os sistemas cerebrais necessários aos primeiros (sentimentos) se encontram enredados nos sistemas necessários à segunda (razão) e que esses sistemas específicos estão interligados com os que regulam o corpo”.

6. Considerações finais

O estudo das relações entre linguagem e cognição evidencia que o uso das palavras é a ponta do iceberg do processo de significação linguística e cognitivamente operado pelo sujeito, como Gilles Fauconnier frisou na fase inicial da linguística cognitiva. Com isso, uma vez que a construção de sentido envolve fatores linguísticos, culturais e cognitivos do sujeito discursivo expressam tanto as suas escolhas e organização linguísticas, como também, as suas percepções e valores culturais, que dizem respeito ao seu entendimento sobre o mundo, que se configura de acordo com seu Ponto de vista e sua Subjetividade. Dessa maneira, en-

gendra-se o sistema *subject-self* da pessoa, cujos padrões cognitivos des-cortinam-se nos diversos sistemas metafóricos que os usos linguísticos nos mostram.

Podemos ver, conforme ressaltam George Lakoff e Mark Johnson (1999, p. 268), que cada metáfora emerge de um tipo fundamental de experiência. E, não há uma noção simples e unificada para a nossa vida interior. Na verdade, essas muitas distinções metafóricas do Esquema metafórico geral *subject-self* alicerçam-se das nossas variadas experiências e evidenciam nosso sistema conceptual.

Dentro desse prisma, a análise das referências de 1ª pessoa em relatos femininos propiciou-nos observar as diferentes maneiras de manifestação do esquema metafórico geral do sistema *subject-self*. Através disso, deparamo-nos como essas mulheres pensam sobre si mesmas e sobre o outro, ou seja, como percebem intersubjetivamente o seu papel e o do outro dentro da moldura da relação de gênero. Dessa forma, as referências de 1ª pessoa nos relatos femininos constituem um quadro dos seus pontos de vista, das suas subjetividades que compõem as suas Identidades erigidas linguística e cognitivamente em um contexto de valores humanos e vivências socioculturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMASIO, Antônio Rosa. *O erro de Descartes*. Emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, Lilian; SWEETSER, Eve. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. *Viewpoint in Language*. A multimodal perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

LAKOFF, George. Sorry. I'm not myself today. The Metaphor systemy for conceptualizing the self. In: FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (Orgs). *Spaces Worlds and Grammar*. The University Chicago Press. Chicago, 1996.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh*. The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

PITANGUY, Jaqueline; BOSCHI, Maria Azevedo; RIBEIRO, Mariska. *Espelho de Vênus*. Identidade social e sexual da mulher. São Paulo: Grupo Ceres; Brasiliense, 1981.

SWEETSER, Eve. Viewpoint and perspective in language and gesture, from the Ground down. In: DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. *Viewpoint in language. A multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.